

PARA A LUTA DE AGORA, PARA IR ALÉM!

TESE MUNICIPAL DOS INDEPENDENTES AO 4º CONGRESSO DO PSOL
CARIOCA

O PSOL do Rio de Janeiro, principalmente através da Capital, transformou-se na maior força de esquerda do Estado. Elegendo bancadas robustas e combatentes, enfrentando lutas inglórias e sofrendo todo tipo de violência política, que tem seu ponto mais dramático no assassinato de Marielle. Conquistamos o coração e o voto de opinião do eleitor progressista. Porém, este voto não nos pertence, mas apenas está conosco enquanto nos julga como partido capaz de enfrentar a conjuntura e lutar por uma sociedade mais justa, inclusiva, igualitária e humanizada. Esta é a imagem que o PSOL vem construindo junto ao eleitorado ao longo de sua breve existência.

Nos últimos anos, no entanto, o cenário se agravou em todos os níveis e a conjuntura que se altera a cada momento não nos permitirá erros:

No âmbito Nacional, o quadro político vem se deteriorando gravemente desde o impeachment de Dilma Rousseff, que já pode ser considerado uma ruptura democrática cujas consequências colocam o próprio Estado Democrático de Direito em risco. A eleição de Jair Bolsonaro após as eleições de 2018 representou uma guinada à extrema direita, que passou a nortear o cenário político. Entretanto, o projeto bolsonarista não conseguiu obter o mesmo êxito de 2018 nas eleições de 2020, mas demonstrou que, mesmo assim, tem solidez junto a uma boa parte da opinião pública, mesmo com a atuação vexatória e negacionista do presidente em relação à pandemia da Covid-19. Dessa forma, Bolsonaro não vinha perdendo apoio como se esperava, mesmo sendo um dos piores líderes mundiais no combate à crise sanitária atual. Todavia, o quadro de anomia política se modifica constantemente, de forma frenética, e finalmente ao que parece, com o andamento da CPI da Covid, principalmente a partir dos escândalos das compras superfaturadas das vacinas, Bolsonaro começa a perder apoio relevante inclusive junto ao seu eleitorado mais fiel. Já é possível perceber um desembarque de seu governo por partidos de sua base e setores relevantes da burguesia. Mesmo que não haja tempo para o Impeachment, é importante que Bolsonaro chegue combalido ao próximo processo eleitoral, para que suas intenções de tentativa de golpe em caso de derrota e fechamento do Regime em caso de vitória e um segundo mandato não sejam possíveis. E precisamos ser realistas: apesar de toda nossa luta, as placas tectônicas que se movem para derrubar ou ao menos enfraquecer Bolsonaro vem também da própria direita, que convencida de que não existirá espaço para uma “terceira via” precisa inviabilizar Bolsonaro eleitoralmente para disputar como “segunda via” as eleições presidenciais contra Lula. Resta saber, caso Bolsonaro, de fato, seja eliminado do jogo político, quem encarnará este nome, e mesmo se terá força para disputar de fato as eleições.

No Estadual, o fim dos megaeventos e do ciclo de bonança e investimentos que tinham o Rio de Janeiro, como laboratório de um Brasil pujante, resultam na mais grave crise fiscal e política de nossa história. A fiscal, em função da

queda de arrecadação, devido à redução da atividade econômica, esta associada à farra das isenções fiscais e dos constantes casos de corrupção, tão disseminados nos governos Cabral e Pezão. Nesse cenário, o PSOL foi ponta de lança de todas as lutas políticas que resultaram nas prisões dos dois governadores, de Picciani e seus asseclas, de seis dos sete membros do Tribunal de Contas do Estado. Além, claro, de todas nossas lutas históricas contra o machismo, o racismo, a homofobia, a guerra sangrenta contra o povo preto e periférico e a favor do funcionalismo público e outros tantos setores da sociedade civil cada vez mais precarizados pela ordem política. Em 2018, sob influência do bolsonarismo, Wilson Witzel se elege e, mais uma vez, as crises se agravam, numa tempestade perfeita, e a violência de Estado aumenta exponencialmente com a milicialização e bolsonarização das forças de segurança do Estado. Porém, Witzel tem vida curta. Rompido com Bolsonaro, em função de suas ambições eleitorais, perde todo o lastro político, sofre um rápido processo de impeachment e entrega o Estado para seu vice, Cláudio Castro, que nada mais é do que um preposto da Família Bolsonaro e capacho do senador Flávio, seu principal fiador. Hoje, o estado do Rio de Janeiro está entregue à família Bolsonaro, ao bolsonarismo e à sua lógica milicianiana.

No município, objeto desta tese, nossa Capital, que tinha situação fiscal confortável no início do primeiro governo Paes, entra em colapso financeiro e fiscal após o ciclo dos megaeventos. Boa parte justificada pela crise política, social e financeira que se instala no Brasil, mas outra considerável parte, também, em função das escolhas dos últimos alcaides, relacionadas a interesses privados. Paes, ao final de seu segundo mandato, não consegue fazer seu sucessor, resultando numa disputa entre Marcelo Freixo e Marcelo Crivella, que entrega o Rio de Janeiro para aquele que foi pior prefeito de sua história. Crivella, diante de sua incompetência e enfraquecido por diversos escândalos de corrupção e prevaricação, chega a ser preso ao final de seu mandato e não consegue sua reeleição ao perder a disputa para Eduardo Paes, que ao longo de seus oito anos trabalhou a serviço da especulação imobiliária e entidades patronais como Fecomércio, Firjan, Fetranspor e outras ligadas interesses privados que gentrificam nossa cidade e sempre põem seus interesses privados e escusos à frente dos interesses públicos. Não há motivos para imaginarmos que será diferente.

É importante frisar que hoje, 57% do território da cidade do Rio de Janeiro é dominado por milícias, e que entre município e Região Metropolitana são cerca de 3,7 milhões de habitantes vivendo sob o terror das mesmas.

O desafio para o PSOL municipal é enorme. Embora estejamos, finalmente, crescendo para a Baixada Fluminense, Região Metropolitana e interior do Estado, é através da capital que o PSOL se transforma no maior partido de esquerda do Rio de Janeiro. E muito mais que isso, é a importância do PSOL nas ruas, nas redes e nas instituições que dá subsídio para que o PSOL evolua em todo o Brasil.

Apesar da desistência de Marcelo Freixo, que era o candidato natural e forte para disputar as eleições municipais, o prestígio acumulado pelo PSOL junto

ao eleitorado, somando-se a proposta acertada de apostar em puxadores de votos e da divisão do fundo eleitoral, nos permitiu uma vitória improvável ao eleger sete vereadores para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Porém, precisamos pensar nos erros cometidos; o quadro político agravou muito e se altera a todo momento. Numa conjuntura complexa e com o partido de certa forma impactado pela saída de Marcelo Freixo, será necessário construir uma linha política que esteja em sintonia com o momento político do Rio de Janeiro, que sempre é centro e laboratório para o projeto político do país, e que dê conta das dificuldades que se impõem.

Precisaremos de um pacto de direção e de uma enorme capacidade de reagir às adversidades para não perdermos um espaço considerável junto ao eleitor progressista. Não bastará apenas não errarmos, é preciso acertar muito para que não saíamos menores, tanto nas eleições de 2022, como nas municipais de 2026, embora esta segunda ainda pareça distante.

Estes são os principais desafios que se impõem ao nosso partido nesse quadro complexo em que vivemos. Para que possamos enfrentá-lo, é preciso um pacto de direção que vá muito além da contagem de delegados num congresso absolutamente anormal, impactado pela pandemia do novo coronavírus e de resultado imprevisível. A correlação de forças não deve se dar apenas pelo resultado do Congresso, mas por amplo diálogo e uma divisão de tarefas baseada na responsabilidade e preocupação com o futuro de nosso partido enquanto ferramenta de disputa da sociedade. De nada adianta obter votos necessários para, por exemplo, pedir a tesouraria e não assumir, de fato, as tarefas cotidianas para dar conta de tão importante e vital atribuição. Aliás, não é à toa que sofremos com seguidas multas e cortes no fundo partidário. O mesmo vale para os outros cargos na Executiva, que não devem apenas se impor pela ocupação de espaço político e trabalho atravessado pelos interesses internos de nossas tendências internas, mas pela execução das tarefas pertinentes a cada um em benefício dos interesses do partido. Por isto, insistimos que é salutar que os quadros políticos que se comprometam com a direção partidária estejam constantemente preocupados com a rotina do partido, assumindo tarefas institucionais independentemente das tendências que fazem parte.

Para tanto, precisamos do PSOL unido em torno dos consensos possíveis e responsável em relação às divergências inevitáveis, capaz muito mais de analisar os cenários, e daí tirar as estratégias de enfrentamento, em vez de afirmar cenários. Só assim, teremos êxito e ferramentas para lutar pelas políticas públicas necessárias para as transformações sociais que almejamos. A redução das desigualdades e a promoção da justiça social passam pela organização institucional do partido. Essa tarefa demanda responsabilidade dos quadros de direção do partido, inclusive e, principalmente, nos momentos em que as divergências internas vêm à tona. Se temos objetivos em comum para a transformação social, não podemos agir de maneira que os entendimentos do partido sejam desprezados.

SOBRE NOSSAS LUTAS!

Em 2016, Marielle Franco, mulher negra, favelada e lésbica foi eleita com 46.502 votos, sendo a quinta mais votada no município do Rio de Janeiro. Marielle foi brutalmente assassinada no ano de 2018, mas deixou um grande legado de representatividade para mulheres negras das favelas, periferias e movimentos sociais.

A importância da visibilidade das mulheres negras é inquestionável, diante da política de genocídio de Estado. A taxa de homicídio entre jovens de 15 até 29, no estado do Rio de Janeiro, retrata que de cada 10 desses jovens, 7 são negros. Mas o desafio das mulheres negras não se resume à luta por justiça: é também uma luta por espaço social e político.

As mulheres negras são a base da sociedade brasileira e movimentam aproximadamente 58% da economia do Rio de Janeiro, sendo economicamente responsáveis por cerca de 62% das famílias faveladas e periféricas.

Após as eleições de 2018, em que sementes de Marielle Franco foram eleitas no Brasil todo, se faz necessário e fundamental que o partido tenha espaços efetivos para expressar a representação política das mulheres negras.

Tendo em vista o silenciamento e a invisibilidade da população LGBTQIA+ ao longo da história e, em especial, da política, acreditamos que seja de suma importância que lideranças LGBTQIA+ sejam incentivadas e construídas no cotidiano da militância e em períodos eleitorais. Com apoio do partido para participação em rodas de conversas, debates públicos e na construção dos diversos movimentos, não apenas em mesas que tratam da temática LGBTQIA+, possibilitando a construção de figuras públicas LGBTQIA+. Construindo estas bases para atuação das LGBTQIA+ para dentro e para fora do partido, temos a possibilidade de construir o PSOL como principal força anticapitalista dentro do Movimento LGBTQIA+.

Já a questão do desemprego recorde tem impacto direto na economia da cidade e no aprofundamento da crise. Basta andar pelas ruas da cidade para encontrar famílias inteiras dormindo ao relento, sem perspectivas de mudança para uma situação mais digna. As Zonas Norte e Oeste sofrem particularmente com esse processo de deterioração, que castiga a população do Rio. Temos que dar atenção especial a essas regiões. A pandemia piorou muito esta realidade.

A precarização do trabalho só é menos sentida, visivelmente, pelo processo de uberização da economia, em que a massa de cidadãos desempregados tem de buscar alternativas em funções sem qualquer estabilidade ou direitos trabalhistas para sustentarem suas famílias.

Essa precarização das forças de trabalho e o desemprego atingem de forma ainda mais contundente as pessoas com deficiência. É preciso, inclusive, tocar

a acessibilidade de forma mais humana, menos estatística, de dentro para fora. Entender que existem diferentes graus de deficiências e que PcDs precisam fazer parte das discussões que impactam diretamente na dignidade, garantida pela Constituição, para vencer o capacitismo.

Eduardo Paes, enquanto novo prefeito da cidade, assumindo-a após o pior prefeito que a mesma já teve, tem feito acenos a diversos setores. Ao mesmo tempo em que tenta passar uma imagem responsável em relação à pandemia, reafirmando seu secretário de saúde diariamente como grande gestor na vacinação, fez a reabertura das escolas de maneira precipitada, contra boa parte da comunidade escolar e expondo a vida de diversos trabalhadores e trabalhadoras da educação, muitos destes que infelizmente pereceram, diante da escalada da Covid-19 em nossa cidade, que tem índices altíssimos de letalidade.

Além disso, Paes conseguiu, através de manobras na Câmara Municipal, passar a reforma da previdência, que arrochou, ainda mais, a situação dos servidores municipais. Sob a falsa afirmação de que estaria colocando ordem nas contas do PREVI-RIO, os funcionários públicos passaram a ter de deixar um valor ainda maior de seus salários, mensalmente, para a previdência. Outras formas de revitalização do fundo de previdência municipal foram ignoradas, muitas destas que trazem benefícios mútuos ao município e ao servidor, como a Carta de Crédito para o financiamento de imóveis.

Ainda que Eduardo Paes se diferencie de Bolsonaro, tendo derrotado seu candidato no segundo turno, sabemos qual o tipo de política o ex-prefeito da cidade por 8 anos costuma adotar. O Rio de Janeiro como balcão de negócios, as promessas de obras que melhorariam as condições da cidade para a população, mas que só trazem mais prejuízos – vide a construção do corredor Transbrasil, que até agora só trouxe mais trânsito para toda a população trabalhadora que usa a avenida Brasil diariamente.

Portanto, é urgente unir a vontade política e o desejo de mudança com o compromisso com a condução do PSOL e seus ideais, interna e externamente. Diante dos inéditos desafios que se apresentam, é preciso estabelecer bases que promovam a capacidade de lutar pelos objetivos coletivos do partido.

Assinam esta tese:

Chico Alencar

Eliomar Coelho

Marcos Paulo Costa da Silva

Paulo Pinheiro

William Siri

Alda Baracho Figueira

Alessandra Alves Portilho Bentes

Alexandre Chester

Alexsandro Luiz de Lima Coelho

Amanda Jordão Dias

Amélia Maria Da Silva Lima
Ana Paula Clemente
André Monteiro de Oliveira
André Vissoto Louback
Andrea Bak
Anete Ribeiro Lessa
Anna Luíza Gaudini de Oliveira
Antonio Gaspar de Gouveia
Arthur da Cruz
Avani de Freitas Sebastião
Beatriz Alves Dos Santos
Benedito Muniz do Nascimento
Caio Brito dos Santos
Carlos Alberto Lima
Carlos Frederico dos Santos
Carlos Luiz da Silva Junior
Carlos Pinto
Carolina Antelo
Carolina Gomes do Espírito Santo
Circe Cabeda
Clara Jefferson de Almeida Martins
Claudia Baracho Figueira
Claudio Almeida Pinheiro junior
Cristina Cortez Diniz
Daniela Aguiar
Davison Coutinho
Dayse Maria da silva
Débora De Oliveira Lima
Dênis Neves
Dilma dos Santos
Eduardo Ferreira Lima
Emerson Costa Fernandes
Erica Isaac de Ornelas
FABIO MARIO IORIO
Fabrício Cunha
Felipe Bellido
Felipe Monteiro Ouverney
FELIPE STEFANON DE MELO
Fernando Maciel Batista
Gabriel Cavalcanti Almeida
Gabriel Frota Leal Borges
Gabriela Dias
GABRIELA TEMER
Glauber Silva Brito
Gustavo Cardoso de Sá Ribeiro
Heloísa Andrade de Paula
Hermano Castro

Honder João Bressan Wellisch
Hugo Chaves da Silva
Igor Marques Gentil
Isabella de Lemos Novello
Ismael Gouveia Lopes
Ismael Silva
Iuri Figueira
Ivan Franklin Correia Neto
Ivonete Ferreira Lima
Joana Angélica de Souza Marques Gentil
João Henrique Santos de Oliveira
João Paulo Pereira Leonardo
Joaquim Ribeiro
Jorge Milton Fernandes
José Eduardo Alves Casaes
José Geraldo Alves Júnior
Jose Vitorio Lacerda dos Santos
Júlia Lobato
Júlia Rodrigues Saboya Henningsen
Julio Cesar Barbosa Trindade
Leo Lince
Leonam Estrella
Letícia Portugal
Luan Da Silva Lima
Luana Jefferson
Lucas Oliveira de Souza
Luciano Oliveira de Souza
Luis Fernando Correa
Luis Henrique Vieira de Rezende
Luísa Luniere Jefferson
Luiz Felipe do Nascimento Caetano
Luiz Marques da Silva Neto
Marcia Beatriz Mendes da Silva Costa
Marcia Jeffe de Almeida
Marco Antônio da Silva
Marco Antônio da Silva Araujo
Marcos Lopes Ribeiro
Maria Alice Mendes
Maria Cecília Baiseredo
MARIA CLARA IORIO
Maria do Perpétuo Socorro Lima Martins
Maria Julia Bressan
MARIA JULIA GOLDWASSER
Maria Leal Bittencourt
Mariana Bustamante de Sá
MARIO DE OLIVEIRA

Mauro Carvalho Bandeira de Mello
Mayra Siqueira
Milton Temer
Mozart João de Noronha Melo
Nadine Borges
Natália Coutinho Machado
Orlando Roberto Matias Dias
Patrícia Bustamante de Sá
Patrícia Conceição da Silva
Paula Almeida dos Santos
Paulo Teixeira
Pedro Paulo Lisboa de Souza
Perla Do Nascimento Correia
Raphael Viegas Raposo
Raul Victor Gonzaga de Souza Maia
Renato Jefferson
Ricardo Garcia Pereira
Ricardo Henningsen
Roberto Aguillar Costa
Rodrigo Burgos de Azevedo Mangabeira
Romário Saraiva Martins
Rosângela Martins
Sandra Candido
Sandra Maria Lacerda
Sandra Regina Batista Ferreira
Sidney Martins Ferreira
Simone Simões Lyra
Tania Maria de Moura Silva
Tayna Lima
Telma Lucia Pinto da Silva
Thales Geraldo Alves de Araujo Goes
Tiago Gondra Nunes
Valéria Rodrigues Dias Henningsen
Vanessa Lourenço
Vania Aperecida Nascimento
Vera Siqueira
Victor Souza Gama
Vilma Petsch
Vinicius Carvalho Arpino
Vinicius Igor Mello
VITOR IORIO
Vitor Leal Borges
Vitor Louredo de Souza
Walmir Gomes
Walter Macedo do Espírito Santos
Yan Carlos da Silva Lima